

TERIA JESUS CRISTO PARTICIPADO DA PÁSCOA DOS JUDEUS?

A primeira Páscoa, a qual foi realizada no Egito, foi diferente das demais que foram realizadas posteriormente. A Páscoa realizada no Egito está relacionada à **décima praga**; a morte dos primogênitos dos egípcios e de seus animais e, também com a saída de Israel do Egito (Êxodo 12). Naquele dia, cada família fora instruída a imolar um cordeiro, ou cabrito, sem defeitos, e, aplicar o seu sangue nas ombreiras e na verga da porta de suas casas, como sinal que lhes asseguraria segurança se ficassem em casa. Contudo, precisavam obedecer à ordem divina. Portanto, o sangue aspergido nos marcos das portas, fora efetuada com fé obediente (Êxodo 12.28; Hebreus 11.28); essa obediência pela fé, então resultou na redenção mediante o sangue (Êxodo 12.7,13).

Evidentemente o evento da Páscoa e do Êxodo, é sem dúvida, a mais linda história de Israel no A.T. A história de um povo resgatado da escravidão. Temos realmente certeza, de que se Deus, não houvesse agido e libertado o Seu povo, da escravidão do Egito, a história de Israel seria outra.

As celebrações anuais da Páscoa judaica concentravam-se em *dois* principais propósitos, que são:

1.1) Memorial: - «...*Este dia vos será por **memória**, e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor (Yahweh); nas vossas gerações e celebrareis por estatuto perpétuo... E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso? Então, direis. Este é o sacrifício da Páscoa de Jeová, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as vossas casas» (Êxodo 12.14,26 e 27). Uma tão grande Salvação, realizada por Deus em prol de Seu povo, não poderia jamais cair no esquecimento. Vemos que, os Filhos de Israel foram instruídos por Deus, a solenizar todos os anos a sua libertação da escravidão no Egito, bem como, o livramento de seus primogênitos. Todos os anos na Festa da Páscoa; os filhos de Israel, nas gerações futuras, haveriam de fazer esta pergunta a seus pais: "**Que culto é este?**" Com relação ao significado deste culto, deveriam responder que se tratava do "**sacrifício da Páscoa ao SENHOR**" (Êxodo 12.27). Por conseguinte, era uma festa em torno da redenção de Israel do Egito. Aliás, solenizada ainda pelos judeus até os dias de hoje.*

1.2) Simbolismo Profético: - O Senhor Deus, bem que poderia ter determinado a morte dos primogênitos dos egípcios e, poupado os primogênitos dos filhos de Israel, sem que houvesse a necessidade de ordenar que cada família escolhesse um cordeiro (ou cabrito), de um ano de idade, sem defeito, e fosse sacrificado e seu sangue aspergido nos lugares indicados (na verga e nas ombreiras da porta). Deus poderia ter agido de outro modo, punindo Faraó, e libertando o Seu povo da escravidão, sem que fosse necessário sacrificar um inocente animalzinho.

Mas, é Ele, quem controla todas as circunstâncias e, sabe perfeitamente o que faz e o que deve ser feito. Com todos estes acontecimentos, Yahweh, teve como propósito primordial, prenunciar a morte de Jesus Cristo; o alvo era ensinar Israel e, colocar em suas mentes, a salvação pelo "*sangue*", preparando-os para o advento de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1.29).

É importante sabermos, que o cordeiro morto por cada família israelita, tornou-se o substituto de seu primogênito, uma vez que a morte não teve poder sobre as casas que estavam marcadas com sangue. Nisto, os israelitas, então, deveriam aprender sobre a substituição, isto é, substituir os inocentes pelos culpados.

É notório que no Antigo Testamento, todos os sacrifícios de animais exprimiam o princípio, que devia verificar-se em sua plena realidade na morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Senhor Yahweh concedeu ao povo do Antigo Testamento, uma prefiguração do sangue derramado por Jesus Cristo, da Sua morte vicária (em nosso lugar), pelos nossos pecados, da morte do justo pelos injustos, uma vez por todos. A Epístola aos Hebreus mostra-nos que os sacrifícios do Antigo Testamento, eram na melhor das hipóteses, uma resposta incompleta do problema do pecado (Hebreus 8; 9; 10.1-15). Cessaram esses sacrifícios, mas ainda hoje eles nos ajudam a entender o significado da cruz, o significado do sacrifício de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Relato bíblico sobre a última páscoa e a instituição da Ceia do Senhor.

Durante vários séculos a páscoa judaica viera apontando para o sacrifício de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus (João 1.29). Todavia, chegara o tempo do Senhor Jesus, celebrar a Última Páscoa, juntamente com os seus apóstolos. Este era o

momento que Jesus tanto esperava (Lucas 22.15). Foi na noite que precedeu a Sua morte, que Jesus e os Seus discípulos comeram a Última Páscoa, que Ele substituiu pela Sua Ceia e depois foi morto como o Cordeiro Pascal (Mateus 26.17-29; Marcos 14.12-26; Lucas 22.7-20; João 13 e 14).

Portanto, houve duas ceias; **a Ceia da Páscoa** e a **Ceia do Senhor Jesus**. Esta foi instituída no final daquela. Lucas menciona *vários* cálices (Lucas 22.17-20); Mateus, Marcos e Lucas mencionam ambas as ceias, João somente cita a Páscoa.

A instituição da Ceia do Senhor é relatada por dois apóstolos que foram testemunhas oculares e participantes dela, a saber; Mateus e João. Marcos e Lucas, embora não estivessem presentes na ocasião, suprem alguns pormenores. O apóstolo Paulo, ao dar instruções aos coríntios, fornece esclarecimento sobre algumas de suas particularidades (1 Coríntios 11.17-34).

Tais fontes nos dizem que, na noite antes da Sua morte, Jesus se reuniu com os Seus doze apóstolos em um cenáculo mobiliado para celebrar a **Última Páscoa** (Mateus 26.17-29 e ref.). Com o desejo de cumprir toda a justiça e honrar a lei cerimonial, que ainda durava, Jesus ordenou tudo o que era necessário para comer a **Última refeição pascal com os Seus discípulos**. Tudo foi feito como Jesus ordenara, e prepararam a Páscoa (Mateus 26.17-19). *"E, chegada à tarde, assentou-se à mesa com o doze"* (vs.20).

O evangelista Lucas relata que Jesus desejava ansiosamente comer a Última Páscoa com os Seus discípulos. *"E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça"* (Lucas 22.15).

Jesus tomou os elementos da Páscoa e **deu uma nova significação**. Mateus relata: *"E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos. Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai. E, tendo cantado o hino, saíra para o Monte das Oliveiras"*. (Mateus 26.26-30). Ele tomou dois elementos do jantar de Páscoa, o pão asmos e o cálice com vinho, e os usou para representa sua morte. O pão repartido representa seu corpo, entregue pelos pecados do mundo.

O “*fruto da vide*”(v. 29) representa seu sangue, derramado para remissão dos pecados. O texto não indica que algo especial ou misterioso ocorreu com esses dois elementos. Continuaram sendo pão e “*fruto da vide*”, transmitindo, porém, um significado mais profundo: **o corpo e o sangue de Jesus Cristo.**

A Ceia do Senhor lembra que devemos esperar a volta de Cristo. Realizaremos essa ceia até que Ele volte (I Coríntios 11.26). A Páscoa apontava para o Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo (João 1.29). **A Ceia do Senhor anuncia que essa obra momentosa foi realizada.** Em Mateus 26.29, Jesus acrescenta um comentário quanto à glória do reino vindouro. **Jesus comeu pão, peixe e mel depois de sua ressurreição** (Lucas 24.41-43); João 21.9-15). **Mas não há registro de que tenha bebido do fruto da vide.** De acordo com a tradição, no banquete de Páscoa, deveriam ser servidos **quatro cálice de vinho**, cada um deles relacionados a **uma das quatro promessas em Êxodo 6.6-7. Jesus instituiu a Ceia do Senhor entre o terceiro e o quarto cálice.**

Os preparativos para a Páscoa

Era necessário comprar e preparar os elementos do jantar da Páscoa. Também era preciso encontrar um lugar na cidade abarrotada de Jerusalém em que pudessem realizar a comemoração. Jesus enviou dois de Seus discípulos (Pedro e João) para fazerem os preparativos da Páscoa, tinham eles a seguinte missão:

Primeiro; encontrar um homem que levava um cântaro de água e segui-lo. Normalmente quem carregava água eram as mulheres, por isso não devia ser difícil identificar este homem (Marcos 14.13).

Segundo; perguntar a ele: O Mestre diz (eles foram como representantes de Jesus): “*Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos*”(Marcos 14.14,15).

Terceiro; fazer os preparativos da Páscoa, «...*ali fazei os preparativos*”. (Marcos 14.15). Os preparativos eram: Imolar e assar o cordeiro, providenciar pães asmos, ervas amargas, sopa de frutas, água salgada e suco de uva (não-fermentado).

Estes elementos que faziam parte da Páscoa judaica, cada um tinha um significado especial.

O Cordeiro Pascal: Lembrava a proteção, o livramento dos primogênitos da casa dos filhos de Israel, quando cada família israelita aspergiu o sangue do cordeiro nas ombreiras e na verga da porta. Era uma lembrança e uma comemoração deste maravilhoso livramento (ver Êxodo 12).

Os Pães Asmos: Lembravam a saída urgente de Israel da terra do Egito. Esses pães asmos também representavam a separação entre os israelitas redimidos e o Egito. Também chamado de «pão de aflição», que representava os sofrimentos dos filhos de Israel (Êxodo 12.15,34,39, Deuteronômio 16.3).

Água Salgada: Lembrava as lágrimas salgadas derramadas pelos israelitas durante os seus anos de escravidão no Egito.

Ervas Amargas (hebraico - marór – *morór*): Lembravam as amarguras da escravidão no Egito (Números 9.11).

A Sopa de Frutas (hebraico - charoshet – *charoshet*): Lembrava a massa de tijolos que os filhos de Israel tinham de preparar na terra do Egito (Êxodo 5.6-19).

Quatro Cálices (copos) de Vinho: Lembravam as “*quatro promessas*” de Êxodo 6.6,7.

Conforme acima mencionado, empregavam-se “quatro cálices” de vinho misturado com água que a Bíblia nada diz. Segundo a tradição judaica, tomam-se “*quatro cálices*” de vinho porque a Bíblia usa quatro verbos diferentes para descrever o drama da redenção do cativo do Egito. Jesus instituiu a Ceia do Senhor entre o terceiro e o quarto cálice. As quatro citações à redenção podem ser encontradas no livro de Êxodo, capítulo 6 e versículos 6 e 7.

1. E vos «*tirarei*» de debaixo da carga dos egípcios.
2. E vos «*livrarei*» da sua servidão.
3. E vos «*resgatarei*» com braços estendidos e grandes juízos.
4. E vos «*tomarei*» por meu povo.

Portanto, Pedro e João tiveram de providenciar pães, ervas amargas e vinho para festa. Também tiveram de encontrar um cordeiro perfeito e de sacrificá-lo no pátio do templo, colocando o sangue no altar. O cordeiro deveria ser assado inteiro, e então a festa estaria pronta.

Até final, os discípulos não perceberam que Judas, um dentre eles, era o traidor. Não notaram qualquer diferença de atitude na forma de Jesus tratar Judas, o que mostra claramente a paciência e o amor de nosso Senhor. Foi durante o jantar de Páscoa, quando já estavam comendo, que Jesus anunciou a presença do traidor. Os discípulos entreolharam-se, tentando imaginar quem seria o traidor. Em seguida, perguntaram a Jesus: "*Porventura, sou eu, Senhor?*" (Mateus 26.22). A construção da frase indica que esperavam uma resposta.

Judas estava reclinado à esquerda de Jesus, ocupando o lugar de honra do banquete. João estava reclinado à direita do Senhor Jesus e, portanto, podia descansar a cabeça no peito de Cristo (João 13.23). O ato de comer pão juntos, especialmente o pão que havia sido mergulhado no prato de ervas amargas, era um gesto de amizade. Também era um honra receber um pedaço de pão das mãos do anfitrião. Jesus deu o pão a Judas (Salmo 41.9), e Judas o aceitou, sabendo que trairia o Senhor. Para Jesus, dar o pão foi um ato gentil de hospitalidade; para Judas, aceitar o pão foi um ato de vil traição. Depois que Judas tomou o pedaço de pão, Satanás entrou nele (João 13.27). Em seguida, o traidor saiu para cumprir a promessa que havia feito aos líderes religiosos de entregar Jesus nas mãos dele. Nem assim os outros discípulos perceberam o que Judas estava fazendo. "*Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite*" (João 13.30). **Para Judas, ainda era noite!**

A Páscoa judaica encontra seu comprimento e seu fim na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. A Páscoa no A.T. e a Ceia do Senhor Jesus no N.T., ambas apontam para uma mesma coisa: **o Sacrifício de Jesus Cristo!**

A primeira estava distante da outra por quase quinze séculos, e tinha um caráter prospectivo: apontava para a Cruz de Jesus Cristo; a segunda, a Ceia do Senhor Jesus, também chamada de Ceia do Senhor, têm um caráter retrospectivo: apontando também à morte de Jesus Cristo.

A Ceia do Senhor Jesus inicia uma nova era e aponta para uma obra já consumada. Podemos observar que, duas festas uniram-se nesta celebração. No cenáculo deu-se um acontecimento notável: A Festa Pascal foi solenemente encerrada (Lucas 22.16-18), e a Ceia do Senhor Jesus instituída com uma solenidade ainda mais sublime do que a Páscoa (Lucas 22.19-21; 1 Coríntios 5.7).

Portanto, naquela ocasião terminou um período e começou outro. Cristo era o cumprimento de uma ordenança e a consumação da outra. A Páscoa agora tinha servido seu propósito profético, porque o Cordeiro que o sacrifício simbolizava, ia ser morto naquele dia. Por isso foi substituída por uma **nova instituição**, apresentando a verdadeira realidade do Cristianismo, como a Páscoa tinha apresentado a do Judaísmo.

O tempo em que ocorreu a última páscoa

O Dia exato da celebração da Última Páscoa é um dos assuntos debatidos pelos estudiosos. Diferentes tipos de interpretações têm sido expostos. Isto é o que veremos abaixo:

Primeira interpretação: Esta interpretação julga que a ordem de Jesus aos seus discípulos para que fizessem os preparativos para a Páscoa, sucedeu na «quarta-feira» do 13 de Nisã, e que a Ceia pascal, foi comida no começo da «quinta-feira» do dia 14 de Nisã; neste caso colocam a crucificação de Jesus como ocorrida na «quinta-feira 14 de Nisã», que é incorreto.

Segunda interpretação: Estes com base nos Evangelhos sinópticos (Mateus 26.17; Marcos 14.12; Lucas 22.7), sustentam que os preparativos para a Páscoa, foram feitos na tarde da «quinta-feira» do dia 14 de Nisã, e que a Ceia pascal foi

comida no começo (na noite) da «sexta-feira do dia 15 de Nisã». Estes colocam a crucificação de Jesus para esta última data, que é também incorreto.

Terceira interpretação: Para os que defendem esta interpretação, Jesus enviou dois dos Seus discípulos à procura de um cenáculo que Ele mesmo indicara, para que assim fizessem os preparativos para a Páscoa, na “quinta-feira do dia 13 de Nisã” e, que Jesus e os discípulos comeram a Ceia pascal (na qual em seguida Jesus instituiu a Santa Ceia), na noite da «sexta-feira do dia 14 de Nisã». De acordo com essa interpretação, Jesus foi crucificado na hora terceira da “sexta-feira do dia 14 de Nisã”.

Destas três interpretações que acabamos de ver, a **terceira** é a que se harmoniza com o desenrolar dos fatos, desde a ordem de Jesus para os preparativos para a Páscoa até a Sua crucificação. Para confirmar esta interpretação, é necessário fazermos algumas objeções, vejamos em seguida:

De acordo com Mateus, Marcos e Lucas, Jesus enviou dois de Seus discípulos para que fizessem os preparativos da Páscoa “*No primeiro dia da festa dos pães asmos*” [Páscoa] (Mateus 26.17) dando a entender ser o dia 14 de Nisã, sendo assim, era realmente o dia em que eram imolados (entre as duas tardes) no Templo os cordeiros pascais. Entretanto, João, sem mencionar os preparativos (que segundo Lucas foram Pedro e João os dois discípulos enviados por Jesus para fazerem os preparativos para a Páscoa – Luc 22.8), transmite-nos uma expressão diferente dos sinópticos, quando ao se referir à Última Páscoa celebrada por Jesus e seus discípulos, prefere em dizer que ela (Última páscoa) ocorreu “*antes da festa da Páscoa*” (João 13.1).

Realmente o maior desafio consiste em esclarecer, se a Última Ceia pascal, ocorreu no *começo do dia 14* ou no *começo do dia 15 de Nisã*. O que já podemos afirmar, é que, a crucificação de Jesus, ocorreu na *sexta-feira*, e não na *quinta-feira*, como supõem a *primeira interpretação* a qual temos visto acima. Tal fato é confirmado nas palavras do apóstolo João que diz: “Então os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a *preparação*” (João 19.31). “...*Preparação...*”, no grego *parasceve*, ***paraskeuè*** “...sexta-feira...”, no hebraico é *erebh shabbath*, ***erebt shabbath***, isto é, **o dia anterior ao sábado**.

Depois de confirmado que a crucificação de Jesus Cristo se deu na manhã da "sexta-feira", assim também fica comprovado que a Última Ceia pascal ocorreu *após o início da "sexta-feira"*, ou seja, após o pôr-do-sol da "quinta-feira" (o dia judaico começa às 18h). Sendo assim, os preparativos da Páscoa foram feitos na tarde da "quinta-feira". Como já sabemos que a celebração da Última Ceia Pascal se deu na *sexta-feira*, agora, precisamos esclarecer, se aquela *quinta-feira* da Paixão, era dia «13» ou «14» de Nisã.

De modo como já vimos, pelas expressões dos sinópticos (Mateus 26.17; Marcos 14.12; Lucas 22.7), sugerem que aquela "quinta-feira" era "14 de Nisã" (veja sobre a "segunda interpretação"). E, segundo João era "antes da Festa da Páscoa" (João 13.1). Portanto, há uma aparente contradição entre os sinópticos (Mateus, Marcos, Lucas) e João. Pela aparente expressão de linguagem dos sinópticos, a Última Páscoa ocorreu no dia 15 de Nisã, neste caso indica que Jesus foi crucificado no dia *15 de Nisã*, ou seja, **na manhã deste dia**. Todavia, segundo o desenrolar dos fatos, os preparativos para a Páscoa foram feitos, na *quinta-feira* do dia "13 de Nisã", e que a Última Ceia Pascal de Jesus e os seus discípulos, foi realmente comida na noite, ou seja, *após o início da "sexta-feira do dia quatorze de Nisã"*. Tais fatos são confirmados pelas seguintes razões:

1. Se realmente aquela *sexta-feira* fosse "15 de Nisã", então, seria um dia de feriado religioso. Todos os anos o dia *15 de Nisã* era um dia de *Santa Convocação* (Êxodo 12.16), isto é, o *primeiro* dia da Festa dos Pães Asmos, e, conforme a ordem Divina, neste dia nenhuma obra podia ser feita, exceto o que diz respeito à comida, isso poderia ser feito. Por conseguinte, o dia "15 de Nisã", era um dia de repouso igual ao sábado semanal. Diante disso, vamos juntos raciocinar: Porventura, violaria os judeus um feriado religioso para prender, julgar, condenar e crucificar Jesus Cristo? Não, jamais fariam isto num feriado religioso, mesmo em se tratando de um suposto malfeitor (Lucas 22.52).

2. Nos tempos de Jesus Cristo, os cordeiros pascais eram imolados no Templo, em Jerusalém, na *tarde do dia 14 de Nisã* (Deuteronômio 16.5,6). O cordeiro que Jesus e os seus discípulos comeram por ocasião da Última Páscoa, não foi abatido no Templo, mas sim, no lugar onde fizeram os preparativos da Páscoa, ou seja, **possivelmente no cenáculo** (Lucas 22.8-13).

3. Se aquela "quinta-feira" tivesse sido "14 de Nisã", obviamente, todos os demais judeus também teriam imolado os cordeiros pascais e não somente os

discípulos de Jesus Cristo. Para isso, teriam também os demais judeus comido a Ceia pascal ao mesmo tempo em que Jesus e os Seus comeram a Última Ceia Pascal, isto é, na noite da «*sexta-feira 15 de Nisã*». Teriam crucificado Jesus na «sexta-feira 15 de Nisã»?

3.1. Não há nenhuma evidência bíblica que venha a indicar que os judeus tenham celebrado a Páscoa ao mesmo tempo em que Jesus e os seus discípulos a celebraram-na. Pelo contrário, pela cronologia dos acontecimentos, fica evidente que Jesus e os Seus discípulos celebraram a Última Páscoa com **um dia de antecedência**, ou seja, cerca de 24 horas antes. A Páscoa oficial, isto é, a ceia pascal dos judeus, somente ocorreu depois do pôr-do-sol da "*sexta-feira*", precisamente na noite do "*sábado*", quando Jesus já estava na sepultura.

3.2. Outro fato que comprova que aquela "*quinta-feira*" não foi "14 de Nisã" (e que na verdade a sexta-feira não foi "15 de Nisã", se verifica nas palavras do apóstolo João, quando ao indicar o tempo do julgamento final de Jesus, disse: "Ora, era a *preparação* [gr **parasceve**] *da Páscoa*, e cerca da hora sexta...". (João 19.14a). A expressão «...*preparação*...», nesta passagem tem o sentido diferente da expressão «*preparação*», do versículo 31 deste mesmo capítulo. A expressão «*preparação*» aqui enfocada, diz respeito "à véspera da Páscoa", hebraico **erebh ha-pesah**, e não exatamente o dia anterior ao sábado, conforme João 19.31. Esta passagem (vs.14) indica que era o momento (na "hora sexta" certamente é a hora romana, às 6h da manhã, pois o dia romano começava à meia-noite) em que os judeus estavam fazendo os preparativos para a Páscoa, o que incluía o abate dos cordeiros na tarde daquele dia (sexta-feira, 14 de Nisã), para que assim fosse comido (ceia pascal), após o pôr-do-sol, quando se dava início a um novo dia, isto é, o sábado 15 de Nisã (Mateus 27.15; Marcos 15.6,42, João 18.39). Neste caso, fica evidente que até o momento da crucificação de Jesus, os judeus ainda não haviam celebrado a ceia pascal.

3.3. Jesus não foi crucificado no dia "*15 de Nisã*", ou seja, aquela "sexta-feira" não foi *15 de Nisã*, como aparentemente indicam os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas. Jesus Cristo celebrou a Última Ceia Pascal com os Seus discípulos na noite da "sexta-feira dia 14 de Nisã", e foi crucificado no mesmo dia, porém, na manhã deste dia, na "hora terceira" judaica (cerca das 9h). Pois, Jesus expirou na cruz no mesmo dia (14 de Nisã) em que no Templo eram imolados os cordeiros pascais (isto é, na *hora nona* judaica, cerca "**das 15 horas**" em nosso horário). É bom termos em mente que, Jesus também cumpriu com perfeição o "*fator tempo*" determinado pela Lei Mosaica, como "**dia**" e "**hora**". E, este **dia** era "**quatorze do primeiro mês**" do calendário Sagrado judaico, ou seja, 14 de Abibe ou Nisã, e,

esta **hora** era “às 15 horas” (**hora nona**). Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, o antítipo dos cordeiros pascais.

A Páscoa celebrada nos dias hoje pelos judeus sofreu alteração. Por exemplo; o sacrifício dos cordeiros se manteve enquanto o Templo de Jerusalém existia (Deuteronômio 16.1-6). Com a sua destruição pelos romanos, em 70 d.C., o sistema de Sacrifícios terminou e foi substituído completamente pelos serviços de orações, que também aconteciam durante a existência do Templo.

A Festa judaica contemporânea chamada Seder, já não é celebrada com o cordeiro assado. Entretanto, as famílias ainda se reúnem para a solenidade e, o pai da família narra toda a história do Êxodo, conforme a prescrição de Yahweh (Êxodo 12.14,26,27). Enquanto, que para os judeus o oferecimento de sacrifícios terminou quando os romanos destruíram o Templo de Jerusalém em 70 d.C.; no entanto, os samaritanos continuam a oferecer todos os anos os sacrifícios pascais no monte Gerizim, de acordo com a lei judaica.

A Preparação da Páscoa

No Gr. secular, *paraskeuè* se acha no sentido geral de “preparação”, mas o Novo Testamento emprega o substantivo – *paraskeuè* – *paraskeuè* - sempre como expressão de tempo, para indicar o “**dia da preparação**” antes de um Sábado ou Festa da Páscoa: Mateus 27.62; Marcos 15.42; João 19.14, 31,42.

Observe-se bem que a palavra *paraskeuè* significa preparação em sentido geral e em todos os textos do NT em que ela aparece refere-se sempre ao dia 14 de Nisã, dia da preparação da Páscoa, dia em que era imolado o cordeiro, preparada a refeição, removido o fermento das casas, etc.

Nos anos em que o dia 14 de Nisã caia numa sexta-feira, com a ceia pascal caindo no Sábado – o qual quando uma dessas “*santas convocações*” coincidia com um sábado semanal, regular, dava-se-lhe o nome de “**Sábado Grande**”, dia de descanso legal, como é o caso do sábado posterior à crucificação de Jesus – aquela sexta-feira era tanto o dia da preparação da Páscoa (João 19.14) como véspera e preparação do sábado regular (Marcos 15.42).

Véspera do Sábado Grande

Que Jesus morreu numa sexta-feira ninguém questiona, pois o dia seguinte à Sua morte era sábado, conforme se lê em João: "... *para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado*" (João 19.31).

Mas aquele não era um sábado comum, era um Sábado Grande. E sábado grande era aquele sábado semanal que coincidia com um dos dias de "*santa convocação*". Ora, como no mês de Nisã as "*santas convocações*" aconteciam nos dias 15 e 21 (primeiro e oitavo dias da Páscoa), aquele sábado não podia ser o dia 16 de Nisã, que não era dia de "*santa convocação*". Tinha de ser o dia 15 de Nisã, primeiro dia dos ázimos, primeiro dia da Festa da Páscoa, dia de "*santa convocação*", dia da ceia pascal, **da qual Jesus não pôde participar, por haver, na qualidade de Cordeiro de Deus, sido imolado na véspera, 14 de Nisã, dia da preparação da Páscoa!**

Lendo Lucas 22.15-16 no Original Grego

Dizem os Sinópticos que Jesus "*desejou muito*", ou "*tenho desejado ansiosamente*" comer aquela Páscoa com Seus discípulos, **mas não afirmam que dela eles tenham participado!** Os tradutores costumam traduzir os textos pascais a partir do pressuposto generalizado de que Jesus teria participado da ceia pascal. É o que se vê, por exemplo, em Lucas 22.15-16, que praticamente todos traduzem da seguinte forma:

"Desejei muito (ou tenho desejado ansiosamente) comer convosco esta páscoa, antes que padeça; porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus".

O texto grego original diz literalmente:

“E disse a eles, (um) desejo desejei, esta a páscoa comer conosco antes do meu sofrer. Digo, pois a vós que não não como-a até (que) a cumpra em o reino de Deus”.

Assim, uma tradução mais próxima da ideia do original diria:

“E disse-lhes: desejei ardentemente comer convosco esta páscoa antes da minha paixão; digo-vos, entretanto, que não a comerei (não a como) de modo nenhum, até havê-la cumprido no reino de Deus”.

A tradução natural da expressão enfática “*não não*”, no texto, deveria ser de modo nenhum (nem um, nunca; de maneira nenhuma), como em Mateus 5.18,20,26; 16.22; João 10.28; 13.8 e não “*não... mais*”, como em Lucas 22.18, onde a expressão “*desde agora*” justifica a inserção de “***mais***” ou “***já***” (“*não mais beber*” ou “*já não beber*”), **para dar ideia de referência a fato futuro.**

Mas se o tradutor parte da pressuposição de que Jesus teria comido do cordeiro pascal, a sua inclinação natural será, em vez de afirmar que Jesus “*de modo nenhum comeria daquela páscoa*”, traduzir o texto como se Jesus tivesse dito que, após aquela páscoa, “*não comeria de outra páscoa*”, dando com isso a entender que daquela Ele comeria.

E observe-se que o Senhor diz haver desejado ansiosamente comer “*aquela páscoa*” (a páscoa do ano da Sua crucificação), mas afirma categórico que, não obstante esse Seu desejo, não haveria de comê-la: “*pois vos digo que não a como de modo nenhum*” (com o verbo “*comer*” no presente do indicativo).

A estrutura de Lucas 22.16 é semelhante à de Mateus 5.18:

- “*Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem (de modo nenhum) nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido*”

O texto grego original diz literalmente:

- *“Em verdade porque digo a vós, até que passe o céu e a terra, joga um ou uma curva não não passe de a lei até que tudo aconteça”.*

Compare-se agora a estrutura do verso 16 (Lucas 22.16) com a do verso 18 (Lucas 22.18). Note, o Senhor, depois de distribuir o vinho entre seus discípulos e mandar que bebam dele todos, diz:

- *“Pois vos digo que, de agora em diante não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus”.*

O texto grego original diz literalmente:

*“Digo, pois a vós que não não bebo, desde agora { “nun”, - **nun** - no grego}, de o fruto da videira, até que o reino de Deus venha”*

Uma tradução próxima do original diria:

- *“Digo-vos, pois, que, desde agora até que venha o reino de Deus, já não beberei do fruto da videira”.*

Vejamos ainda Mateus 26.29, literalmente no original grego:

*“Digo porém a vós, não não bebo desde agora (“arti” – **arti** - no grego) de este o fruto da videira até o dia aquele quando o bebo convosco novo em o reino do Pai meu”.*

Sua tradução natural seria:

“Digo-vos, porém, que, desde este instante, já não beberei (ou “não mais beberei”) do fruto da videira, até aquele dia em que o beberei convosco, novo, no reino de meu Pai”.

A partir daquele momento, Jesus não beberia do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. Mas com relação a comer a Páscoa, a Sua declaração é diferente. Ele não comeria aquela páscoa, de modo nenhum, embora tivesse desejado ardentemente comê-la com Seus discípulos antes de Sua crucificação. Não disse que deixaria de comê-la somente depois de participar *“daquela páscoa”*.

A Harmonia Entre João e os Sinópticos

Mateus, Marcos e Lucas, que são os Evangelhos Sinópticos (assim chamados porque apresentam as boas novas sob uma mesma ótica, vistas sob um mesmo ângulo, diferentemente de João), descrevem os fatos que vão desde a ceia até a crucificação de Jesus com expressões que indicam um calendário diferente utilizado pelo evangelista João.

Segundo Mateus 26.17 (Marcos 14.12; Lucas 22 7-9), por exemplo, *“No primeiro dia da festa dos pães ázimos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?”*. E esse diálogo se deu ainda em dia claro, pois logo no verso 20 se lê: *“Ao anoitecer, Jesus estava reclinado à mesa com os Doze”*(NVI). Ora, segundo a instituição divina, o *“primeiro dia dos ázimos”* era o quinze de Nisã (Levítico 23.6). Se eles, no dia quinze, ainda estavam preparando a Páscoa, a ceia pascal, que era servida depois do pôr do sol, teria de ser preparada já no dia dezesseis. Mas a ceia pascal, obrigatoriamente, tinha de ser no dia quinze, após o pôr do sol do dia 14 de Nisã. Por aí se vê que existe alguma particularidade na linguagem desses evangelistas.

Ora, conforme os próprios estudiosos, os sinópticos, inclusive Lucas, tiveram como fonte primária o Evangelho de Marcos, destinado aos judeus, diferentemente do Evangelho de João, que se destinou aos gentios de Éfeso. A linguagem dos sinópticos, portanto, observa peculiaridades próprias do povo judeu da época.

O não entendimento dessa característica da linguagem dos sinópticos induziu autores respeitáveis como Watson e Allen a afirmar, inadvertidamente, e contra todas as declarações escriturísticas, que *"o primeiro dia dos ázimos era 14 de Nisã"*

A realidade é que, utilizando uma linguagem consentânea com a forma judaica da época, onde a influência do zelo farisaico levou o povo a tirar das suas casas o fermento bem antes do prazo determinado por Deus, os sinópticos atribuíram o título de *"primeiro dia dos ázimos"* ao dia 14 de Nisã, uma vez que essa era a forma farisaica de, zelosamente, classificar os dias dos ázimos, zelo esse que ainda hoje em dia se mantém entre os judeus ortodoxos, conforme se observa das palavras de Arthur Hertzberg, Rabino do Templo Emanu-El de Englewood, New Jersey, EUA:

"Na noite precedente ao 14 de Nisã, o hametz deve ser procurado à luz de uma vela". "Hametz: qualquer coisa, alimento, ou não, feito de ou contendo grão, farinha ou espiga de trigo, cevada, espelta, palha ou outros cereais, os quais, em contato com a água, tenham fermentado ou se encontrem em processo de fermentar"

Cumpra lembrar que a Páscoa como festa começa no dia 15 de Nisã, primeiro dia dos ázimos, em cuja véspera, isto é, na tarde do dia 14, o fermento deveria ser removido das casas do povo de Israel. Conforme se pode ver das palavras do Rabino Hertzberg, a retirada do fermento das casas foi antecipada em um dia: em vez de ser executada à tarde do dia 14 de Nisã (Ex. 12.18), essa tarefa passou a ser realizada na noite (à tardinha) precedente aos 14 de Nisã, isto é, no dia 13 de Nisã.

Uso de Calendários Diferentes

A conclusão natural a que se chega, na comparação entre as narrativas de João e a dos sinópticos, é que eles utilizam calendários diferentes. Assim pensa Robert H. Gundry, que diz:

"É possível que Jesus e Seus discípulos, à semelhança da comunidade de Qumran, seguisse um calendário levemente diverso do corpo principal do judaísmo; ou então Jesus pode ter providenciado para que houvesse uma refeição pascal um tanto prematura, porquanto previa que sua morte ocorreria antes do tempo regulamentar para aquela refeição"

O mesmo entendimento é revelado na nota de rodapé da Bíblia Vida Nova:

“A Tarde. O fim da quarta-feira e o começo da quinta. Jesus ia celebrar a Páscoa com Seus discípulos com um dia de antecedência, pois no dia oficial do feriado religioso nacional da Páscoa, Ele mesmo estaria sendo retirado, morto, da cruz, o Cordeiro de Deus, imolado”.

Jesus Não Comeu do Cordeiro Pascal!

A refeição de despedida da qual o Senhor Jesus participou com Seus discípulos e na qual instituiu a Sua ceia foi realizada depois do pôr do Sol do dia 13 de Nisã, isto é, já na noite (em Israel, o dia começava ao pôr do Sol) de 14 de Nisã (sexta-feira). Naquela ocasião, Jesus e Seus discípulos não comeram do cordeiro pascal da Páscoa dos judeus. E os sacerdotes se recusariam a imolar o cordeiro da Páscoa fora do dia legalmente reconhecido como 14 de Nisã e, no tempo do NT, somente eles tinham autoridade para, no templo, no dia legalmente estabelecido, imolar todos os cordeiros pascais. E, apesar de todas as divergências entre fariseus e saduceus, prevalecia o calendário oficial, dos saduceus. **Então Jesus não comeu a Páscoa dos judeus, mas instituiu algo novo!**

A esse respeito comenta Wagner George Kümmel:

“O relato adotado por Marcos e o próprio Paulo não dizem que se trata de uma ceia pascal, e a descrição da última ceia de Jesus em Marcos tampouco contém uma indicação a respeito da ceia pascal. Falta, sobretudo a menção ao cordeiro pascal. Por causa dessas e de outras razões, portanto, é muito improvável que Jesus tenha celebrado sua última ceia com os Seus discípulos como uma ceia pascal.”

A Ceia do Senhor, instituída naquela ocasião, foi, pois, **algo inteiramente novo!** Vinho novo em odres novos. Pois *“ninguém deita vinho novo em odres velhos”* (Marcos 2.22). Era o memorial da nova aliança, no qual, todas as vezes que comemos do pão e bebemos do cálice, *“anunciamos a morte do Senhor, até*

que Ele venha” (I Coríntios 11.26). Um novo memorial, uma nova aliança – não conforme a aliança que havia sido feita no Sinai (Jeremias 31.31-32); um novo sacerdócio (Hebreus 7.12); uma nova lei (Hebreus 7.12), a lei de Cristo (Gálatas 6.2).

Não há como contestar: Jesus não participou da Páscoa legal dos judeus, porque Ele mesmo, o verdadeiro Cordeiro pascal (I Coríntios 5.7), morreu no dia e hora profeticamente revelados nas prescrições da Páscoa: 14 de Nisã, ao crepúsculo da tarde! Sim, Jesus *“expirou na cruz no mesmo dia em que no Templo se imolavam os cordeiros pascais”, “foi crucificado no dia em que o cordeiro pascal era oferecido, e ressuscitou no dia em que as primícias da primeira colheita eram apresentadas, as primícias dos que dormem.”*

Na ocasião marcada para a ceia pascal, Jesus, *“o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (João 1.29), já estava no túmulo! A celebração da Páscoa judaica perdera a sua razão de ser! Os cordeiros pascais, figuras do Cordeiro de Deus, já não deveriam ser imolados cada ano! A realidade que eles figuravam havia chegado!

A possível ordem dos acontecimentos, entre a quinta e a sexta-feira da semana da Paixão.

Segue abaixo; a ordem provável dos acontecimentos entre a *“quinta-feira”* (13 de Nisã) e a *“sexta-feira”* (14 de Nisã) da Semana da Paixão:

No quinto dia semana (13 de Nisã), Jesus enviou dois de Seus discípulos (Pedro e João) para que fizessem os preparativos para a Páscoa, num cenáculo que Ele mesmo indicara (Mateus 26.14-19). Ao declinar do dia Jesus seguiu com os Seus discípulos para esse lugar (Marcos 14.17). Depois do pôr-do-sol (início da sexta-feira, 14 de Nisã) assentaram-se juntos (ou melhor, se inclinaram conforme o costume romano) Jesus e os seus discípulos para participar da Última Páscoa.

No decurso da refeição pascal, Jesus levantou-se e lavou os pés dos discípulos (João 13.4-20). Em seguida com grande tristeza, Jesus predisse que um dos doze havia de traí-lo; antes de comer o cordeiro e após comer um pedaço de pão

molhado (na sopa de frutas) que Jesus lhe dera, Judas Iscariótes se retirou para não mais voltar à presença do Mestre, senão na hora da traição, no Jardim (João 13.26,27). Depois da celebração da Ceia Pascal (rito característico do A.T.) pela última vez; então Jesus instituiu simbolicamente o pão dizendo: "*Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim*" (Lucas 22.19). "*Semelhantemente, depois de cear tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da Nova Aliança no meu sangue, derramado em favor de vós*" (Luc 22.20).

Depois de celebrar a Santa Ceia, Jesus instruiu os Seus discípulos e consolou-os dizendo: «*Não se turbe o vosso coração...*» (João 14.1). Jesus Intercedeu por Si mesmo e pelos Seus discípulos, com uma oração sacerdotal (isto é, oração feita de joelhos – João 17.1-26), cantou um hino e saíram para o Getsêmani, onde foi para orar, durante o tempo em que precedia a sua traição e prisão.

Foi naquele lugar onde Jesus sofreu a mais dura agonia antes da cruz. Tendo sido fortalecido, Jesus recebe a visita esperada do traidor (Judas), tendo em companhia uma multidão de pessoas. Após um beijo traiçoeiro, Judas indicou a vítima, aos soldados. Então, Jesus foi preso, em seguida acusado, julgado, maltratado, escarnecido, condenado e crucificado (Mateus 26.17 ss.; Marcos 14.25 ss.; Lucas 22.7 ss.; 23; João 13-19).

Portanto, fica esclarecido que Jesus e Seus discípulos não celebraram a Última Páscoa no dia oficial (que seria na noite do dia 15), mas *com "um dia de antecedência"*, ou seja, cerca de 24 horas antes. E, que isto ocorreu, na *noite da sexta-feira do dia 14 de Nisã* (que começou às 18h da quinta-feira, 13 de Nisã).

A Páscoa celebrada nos dias hoje pelos judeus sofreu alteração. Por exemplo; o sacrifício dos cordeiros se manteve enquanto o Templo de Jerusalém existia (Deuteronômio 16.1-6). Com a sua destruição pelos romanos, em 70 d.C., o sistema de Sacrifícios terminou e foi substituído completamente pelos serviços de orações, que também aconteciam durante a existência do Templo.

A Festa judaica contemporânea chamada *Seder*, já não é celebrada com o cordeiro assado. Entretanto, as famílias ainda se reúnem para a solenidade e, o pai da família narra toda a história do Êxodo, conforme a prescrição de Yahweh (Êxodo 12.14,26,27). Enquanto, que para os judeus o oferecimento de sacrifícios terminou quando os romanos destruíram o Templo de Jerusalém em 70 d.C.; no entanto, os

samaritanos continuam a oferecer todos os anos os sacrifícios pascais no monte Gerizim, de acordo com a lei judaica. E, em chegando a realidade, os ritos legais, que têm somente *"a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas"* (Hebreus 10.1), haviam-se tornado antiquados, perdendo completamente o valor.

Portanto, é um contrassenso o cristão celebrar a Páscoa, pois quando Jesus morreu, Ele foi o último *"Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo"* (João 1.29)! Paulo nos diz que devemos comemorar a Sua morte, através de algo inteiramente novo, que é a Ceia do Senhor, pois através dela, *"anunciais a morte, até que Ele venha"* (I Coríntios 11.26).

"Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós" (Coríntios 5.7)

Maranata! *"Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus"*(Apocalipse 22.20).

A Tua Igreja Te espera e ama a Tua vinda!

Amém!

Pr. José Barbosa de Sena Neto

Fortaleza - CE